

## Na senda de uma nova (con)vivência

O mundo dito desenvolvido e, por arrasto, o emergente e o imergido, encontra-se numa encruzilhada, que só é nova na forma e que, de inesperada, tem pouco ou nada. No entanto, poucos arriscam antecipar o próximo equilíbrio de forças.

Neste caso, «poucos» exclui os *opinion makers* do *status quo* (nobres na arte de se inspirarem entre si), a maioria dos políticos profissionais (incluindo os dos partidos fora do eixo da governação) e os arautos da desgraça (que nestas alturas proliferam como videntes credíveis, ofuscando cartomantes e astrólogos). Por outro lado, o «equilíbrio de forças» não significa entre – ou intra-mundos, nem entre – ou intra-regiões/países, mas entre-classes (a «velha luta de classes») ou entre-vivências (a «quási luta de classes» – aqui cunhada com o «quase» de Camões, sobretudo por ser latente, mas também pela sua própria natureza e pela dúvida de que substitua a «velha luta» nas próximas décadas).

A «velha luta de classes» está (timidamente) de volta, pois a desigualdade de distribuição da riqueza tem aumentado na generalidade dos países, em particular nas últimas três décadas. Entre os três factores de produção, o capital parece ter destronado a terra, na tentativa de domínio sobre o trabalho. Com o capital cada vez mais apátrida, a luta ficou ainda mais desigual.

Apesar disso, ou talvez por isso, o capital-material ganhou dois irmãos: o capital-social e o capital-espiritual. Embora largamente desconhecidos, estes têm condições para potenciar um capitalismo sustentável, pois são fortes contributos para novos limiares do desenvolvimento e da própria condição humana, na senda de outros no passado, «estranhamente» marginalizados.

São vários os exemplos de pessoas – muito diferentes, na origem e no percurso – que têm preconizado a evolução do «ter» para o «ser» e do «ver» para o «sentir», como forma de obtenção de uma vivência, individual e colectiva, de patamar superior.

Recorrendo a alguns nados no primeiro terço do Séc. XX tem-se: Erich Fromm, Hannah Arendt e Noam Chomsky, mas também Agostinho da Silva e, *vide* ensaio, Mário Murteira.

*P.S. 1 – Este número marca uma mudança na vida da Revista, que consiste na substituição do seu Director-fundador. Apesar do legado valiosíssimo, procurar-se-á que a alteração seja o menos perceptível possível. Ao novo timoneiro abona a aprendizagem de três anos com o Mestre e contar com a sua presença preciosa no Conselho Editorial.*

*P.S. 2 – A partir do próximo número serão adoptados os códigos JEL (3 dígitos) e o acordo ortográfico da língua portuguesa (artigos em português).*

**PAULO BENTO**

**DIRECTOR**

**director.gemr.ibs@iscte.pt**

## In the wake of a new (co)existence

The so called developed world, together with the emerging and “emerged” world, is at a cross roads. Although this comes as little or no surprise and is new only in its form, few would dare to foresee the future balance of power.

These “few” do not encompass the opinion makers of the status quo (who excel in the art of inspiring each other), the majority of professional politicians (including those from parties not at the center of governance) or the harbingers of doom (who proliferate at such times as credible clairvoyants, overshadowing fortune tellers and astrologers). And this “balance of power” does not refer to the balance between or within worlds, or even between or within regions/countries; it is the balance between classes (the “old class struggle”) or between existences (the “*quasi* class struggle” – to use the *quasi* of Camões here, largely because it is latent, but also because of its very nature and the uncertainty that it will replace the “old struggle” over the coming decades).

The “old class struggle” is (tentatively) back; indeed, most countries have witnessed growing inequality in the distribution of wealth particularly in the last thirty years. Of the three factors of production, capital appears to have triumphed over land as it strives to dominate over labor. And with capital becoming increasingly stateless, the struggle has become even more unequal.

Despite or perhaps because of this, material capital has gained two brothers: social capital and spiritual capital. Though largely unknown, they are able to boost a sustainable capitalism as they make significant contributions to new thresholds of development and of the actual human condition, in the wake of others “strangely” marginalized in the past.

There are a number of examples of people from quite distinct origins and paths who have advocated an evolution from “having” to “being” and from “seeing” to “feeling”, thus making way for a higher level of individual and collective co-existence. To name just a few born in the early 20<sup>th</sup> century: Erich Fromm, Hannah Arendt and Noam Chomsky, but also Agostinho da Silva and, vide essay, Mário Murteira.

*P.S. 1 – This issue marks a change in the life of the Journal due to the replacement of its founding-Director. Despite the remarkable legacy, we will strive to make this transition as smooth as possible. At the helm after a three-year apprenticeship with the skipper, the new director is counting on his precious support on the Editorial Board.*

*P.S. 2 – The JEL 3 digit code and the Portuguese spelling agreement (articles in Portuguese) will be adopted as of the next issue.*

**PAULO BENTO**

**DIRECTOR**

[director.gemr.ibs@iscte.pt](mailto:director.gemr.ibs@iscte.pt)